

ENSAIO BIBLIOGRÁFICO

A Vida Escrita por Mulheres

Wilton C. L. Silva^a

CABALLÉ, Anna (ed.). 2004. *La Vida Escrita por las Mujeres*. Barcelona: Lumen, 4 vol.

“A impreciação do feminino’, como lugar-comum literário em que a misoginia se tinge de sarcasmo e adquire tons burlescos e satíricos, nasce e consolida-se na lírica grega. Na obra de *Hesíodo*, que inicia a tradição misógina na literatura grega, as mulheres perdem o seu antigo prestígio. O poeta encara a mulher como uma espécie à parte, a ‘raça das mulheres’, que não nasce da terra. Na sua obra, as mulheres provocam a hostilidade pela sua alteridade e pela atracção que exercem; são odiadas por serem seres socialmente improdutivos, *embora imprescindíveis para dar descendência aos varões*, e temidas porque dotadas de encantos irresistíveis”. (ALBORCH, Carmen. *Mulheres Contra Mulheres*. Barcelona: Editorial Presença, 2004:51).

A auto/biografia na Espanha tem sido estudada de forma intensa, a partir de referenciais muito próximos dos estudos brasileiros, de tal forma que o cânone compartilhado é significativo (James Olney; George Misch; Georges Gusdorf; Paul de Man; Phillipe Lejeune; entre

^a Professor Livre-Docente da UNESP, Campus de Assis/SP. Email: wilton@assis.unesp.br.

outros) embora os espanhóis aparentemente tenham uma produção mais volumosa na reflexão sobre o tema, com destaques em diferentes enfoques como os trabalhos de José Gonzalez Monteagudo (Universidade de Sevilla), Jaume Aurell (Universidade de Navarra), José Romeira Castillo (UNED – Universidad Nacional de Educación a Distancia, Madri), Anna Caballé (Universidade de Barcelona), entre outros.

Em meio ao levantamento bibliográfico encontrei uma publicação, até então desconhecida por mim, e que despertou minha atenção: uma extensa coletânea, de quatro volumes, organizada por Anna Caballé sobre a literatura feminina de língua espanhola.

Anna Caballé é professora titular de Literatura Espanhola da Universidade de Barcelona e coordenadora de um centro de pesquisa, a UEB – Unidad de Estudios Biográficos, na mesma universidade, teve premiada sua tese de doutorado, *La literatura autobiográfica en España (1939-1975)*, e publicada pela Editora Megazul, de Málaga, em 1995, o livro *Narcisos de Tinta: ensayos sobre literatura autobiografica en lengua castellana (siglos XIX y XX)*, e se destaca por suas pesquisas sobre a escrita auto/biográfica em seu idioma. A Unidad de Estudios Biograficos (UEB) foi criada em 1994 e centra suas pesquisas na documentação, preservação e estudo de diversas modalidades da escrita auto/biográfica, dispõe de uma biblioteca especializada, um arquivo de memória e um fundo de autobiografias, com destaque para ‘autobiografías de estudiantes de la Universidad de Barcelona’ (VITASTUDENS). Entre 1996 e 2007 editou a revista *Boletín de la Unidad de Estudios Biográficos*, depois chamada de *Memoria*, voltada à análise dos gêneros auto/biográficos.

La vida escrita por las mujeres, editada pelo Círculo de Lectores em 2003 e pela Lumen em 2004, é uma coletânea em edição bem cuidada e de capa dura, em quatro volumes e cerca de duas mil e trezentas páginas que oferece um extenso panorama da literatura feminina em língua espanhola, do século XV ao XX.

Os quatro volumes, com cerca de seiscentas páginas cada um, são intitulados respectivamente *Por mi alma os digo: De la Edad Media a*

la Ilustración, La pluma como espada: Del Romanticismo al Modernismo, Contando estrellas: Siglo XX, 1920-1960 e Lo mío es escribir: siglo XX, 1960-2000 e oferecem um amplo retrato da escrita feminina hispânica e hispanoamericana, com fragmentos de obras do século XVI ao XX.

Os volumes apresentam, de forma linear, mas com cronologia inversa (inicia-se no século XX e estende-se até a Idade Média), um longo arco temporal e um corpus histórico-literário da escrita feminina, em que através da sua estrutura antológica busca oferecer ao leitor a possibilidade de estabelecer comparações, contrastes, afastamentos e aproximações entre textos e autoras.

São manifestações diversas da escrita feminina auto-referenciada em distintos gêneros e processos narrativos, o que permite vislumbrar as tensões presentes na expressão das subjetividades das mulheres ao longo do referido período.

A coleção tem, portanto, dimensão didática e política. Didática por permitir o acesso a uma rica e extensa produção literária pouco conhecida e estudada, ao mesmo tempo em que apresenta uma contextualização de cada período e uma pequena biografia de cada uma das autoras selecionadas, e política por afirmar o espaço da autoria feminina que tem sido minimizado ao longo do tempo, oferecendo elementos para uma reavaliação qualitativa da escrita feminina.

No quarto volume, dedicado da Idade Média ao Iluminismo e intitulado *Por mi alma os digo*, encontram-se a primeira autobiografia escrita em castelhano, de Leonor López de Córdoba, cartas intimistas de Estefanía de Requesens, aia do infante Felipe II, para sua mãe, uma novela de cavalaria de Beatriz Bernal, textos religiosos de Teresa de Jesús ou Sor Juana Inés de la Cruz, entre outras preciosidades que evocam a amizade feminina, os percalços do amor, a defesa da educação letrada para as mulheres, a críticas ao comportamento masculino e temas diversos.

O terceiro volume, *La pluma como espada: Del Romanticismo al Modernismo*, marca uma ampliação do acesso feminino ao mundo da cultura literária e apresentam-se excertos das memórias de Flora Tristán,

autora que em 1843 (dois anos antes de Marx e Engels escreverem o Manifesto Comunista) publicou o texto *Unión obrera* em defesa da organização dos trabalhadores, se juntam as famosas receitas culinárias do livro *La cocina ecléctica* da argentina Juana Manuela Gorriti, cartas de Caterina Albert, texto de defesa do ensino laico, do matrimonio civil e da separação entre Igreja e estado da boliviana Adela Zamudio, com diversos textos literários e militantes de autoras da Espanha e da América Hispânica.

Finalmente, os volumes dois e um, intitulados respectivamente *Lo mío es escribir* e *Contando estrellas* abarcam o longo século XX, sendo que apresentam cartas, trechos de autobiografias, entrevistas, excertos de romances ou contos de um período histórico-literário que por sua proximidade ainda está delimitando seu cânone, o que permite uma reflexão adicional sobre os mecanismos de inserção e exclusão de autoras.

A dimensão autorreflexiva desses escritos com certeza oferece mais um fator que contribuiu para a esse silenciamento, uma vez que o cânone em geral tem uma relação de rechaço à escrita autobiográfica. (Caballé 2014) E também, em uma perspectiva feminista, o próprio recorte proposto por Caballé poderia inspirar comparações com o modelo da *ginocrítica* proposto por Showalter (1984:128) em relação a literatura feminina de língua inglesa, na qual são identificadas três fases entre meados do século XIX e as décadas finais do século XX, uma feminina, entre 1840 e 1880, que se caracteriza por uma literatura que imita os modelos clássicos da tradição dominante e masculina, outra feminista, entre 1880 e 1920, que questiona os padrões estabelecidos ao mesmo tempo em que reivindica a defesa de direitos e de autonomia das mulheres, e, finalmente, no período entre 1920 e os dias atuais, com acentuado fortalecimento a partir dos anos 60, que é denominada de fase da Mulher, na qual busca-se uma consciência própria e de descoberta e afirmação da identidade.

Merece destaque as possibilidades interpretativas dessa escrita de si das mulheres, potencialidades já apontadas por Catelli (1991) quando, a partir de uma crítica as abordagens teóricas de Paul de Man,

Phillipe Lejeune e Mikhail Bakhtin, afirma uma especificidade e uma riqueza da narrativa a partir da escrita autobiográfica feminina.

A partir do questionamento do conceito de semelhança, afirmado em trabalhos dos três pensadores sobre a biografia, que concebem a construção do ‘eu’ em conexão com algo prévio (‘un modelo, un polo de identificación, otro yo anterior’), Catelli (1991) busca caracterizar a escrita biográfica, particularmente a feminina, como uma forma específica de prosopopéia, ampliando a abordagem de de Man através de referenciais de Bakhtin, em um texto de sua juventude, “joven, neokantiano y cristiano ortodoxo”.

“Al definir la naturaleza del lenguaje como esencialmente sustitutiva o tropológica, lo que de Man desdenia cualquier tipo de saber científico acerca de aquél y, por extensión, cualquier clase de certeza sobre las figuras del yo. Mientras que Phillipe Lejeune, al contrario, no duda en convocar el conjunto enciclopédico de la teoría literaria contemporánea para tratar de fijar una norma que haga de la autobiografía no la alegoría de un *tropo* y, por consiguiente, un *tropo* en sí misma, sino un caso especial y reconocible de práctica escrita en la cual la relación de semejanza adquiriría un rango legal bajo la autoridad de un pacto firmado. [...] En efecto, se la autobiografía supone necesariamente una doble construcción del yo y esta doble construcción puede ser interpretada por Paul de Man como un *tropo*, y por Lejeune como uno dos elementos de un pacto, qué sucede cuando ambos son femeninos? A que se parece una mujer, a que debió creer que se parecía para poder escribir el relato de su yo?” (Catelli 1991:12-13).

Freixas, em uma resenha sobre a coleção, aponta:

“En abril de 2002, la revista literaria *Quimera* publicó una encuesta sobre las mejores novelas españolas del siglo XX. Los 42 consultados (escritores, críticos, profesores...) eligieron un total de 140 obras, correspondientes a 119 autores. De ellos, 109 eran varones (el 92%) y diez, mujeres. [...] ¿Rémora del pasado, esos 92 nombres masculinos *versus* ocho femeninos? En tal caso, la generación más joven debería estar representada por una proporción similar de ambos sexos. Veamos pues cuántos escritores de menos o poco más de cincuenta años se incluyen en la lista: yo conté, a ojo de buen cubero, doce, de los cuales once eran varones...” (Freixas 2004:60-61).

É recorrente, principalmente nos Estados Unidos e em alguns países europeus, que mesmo quando se referencia um certo sucesso contemporâneo da literatura feminina, conserva-se uma perspectiva insidiosa que desqualifica tal produção, identificando como mais ligada a uma cultura popular e subalterna, em contraste com nichos de excelência sempre ocupados por homens brancos e ocidentais. (Huyssen 1988).

Assim, é inegável que o cânone tem uma dimensão *falocêntrica* (Cixous 1975, Butler 1990:43-57), para usar a feliz expressão de Jacques Derrida que foi apropriada por parte do movimento feminista, e uma iniciativa dessa natureza, para além das possíveis definições de literatura de mulheres, feminina ou feminista, representa uma ruptura do silenciamento/esquecimento produzido ao longo dos séculos.

Com certeza esse ‘vendaval de esquecimentos’, com seus silêncios e ausências, não é exclusivo da literatura e no caso do Brasil ainda apresenta significativas particularidades, uma vez que se processa não só ao nível letrado e institucional mas, como uma sociedade na qual o letramento ao longo da história tem uma acentuada dimensão de classe, a própria oralidade é menosprezada e, em particular, sua expressão feminina passa não só a ser diminuída, mas simplesmente eliminada.

Fanini (2009) estuda a perspectiva ‘androcêntrica’ da relação da Academia Brasileira de Letras com as mulheres escritoras, entre 1897 e 2003, abordando desde a exclusão de Júlia Lopes de Almeida do rol de agremiados por ocasião da fundação da instituição (1897), passando pela negativa a Amélia Beviláqua (1930), chegando à alteração dos estatutos para a aceitação da presença feminina (1976), até a presença de Rachel de Queiroz, Dinah Silveira de Queiroz, Lygia Fagundes Telles, Nélida Piñon, Zélia Gattai e Ana Maria Machado (2003).

À título de exemplo, o episódio da candidatura de Amélia Beviláqua à Academia Brasileira de Letras, em 1930, que de certa forma ficou marcada como mera tentativa de uma escritora, beletrista provinciana (pertencente à Academia Piauiense de Letras), a ocupar um posto para o qual não tinha talento e que deixou perplexa e em-

baraçada a instituição com sua reivindicação, está cronologicamente distante, mas culturalmente próximo.

Por ocasião da reivindicação, os imortais ficaram divididos entre aqueles que entendiam que de acordo com o regimento institucional somente literatos do sexo masculino deveriam ser aceitos (como na Academia Francesa, Gouncourt e Italiana), e os que defendiam a inclusão de brasileiros – homens ou mulheres – com obras de destacado valor literário. Votaram e, por catorze votos a sete, negaram a Amélia Beviláqua o direito da candidatura. O cânone não incorpora boa parte da produção feminina na literatura, e nomes como os das pioneiras de literatura feminina no país como Úrsula Garcia, Júlia Lopes de Almeida, Alba Valdez, Gilka Machado, Rosália Sandoval, Maria Clara da Cunha Freire, entre outras, são simplesmente desconhecidos.

Os preconceitos de gênero que parecem ter sido despertados por Amélia Beviláqua também se manifestaram contra outras escritoras, destacando-se por seu nível de violência os ataques contra Gilka Machado, poetisa que enveredou pela poesia erótica e despertou rancores e ressentimentos de diversos literatos da época (Gotlib 1982; Paixão 1990).

“Poetisa de imaginação ardente, transpirando paixão carnal nos seus nervos, a Sra. Gilka Machado é, contudo, segundo nos informa o Sr. Henrique Pongetti e proclamam os que lhe conhecem a intimidade, a mais virtuosa das mulheres e a mais abnegada das mães” (Campos 1945: 401). Ou ainda, em seu *Diário Secreto*, aponta pesadas críticas a Gilka Machado de Afrânio Peixoto, descrevendo seu encontro com aquela que seria “uma mulatinha escura, de chinelos, num vestido caseiro”, e que vivia “naquela alfurja, onde tudo respirava pobreza e quase miséria”, ou Lindolfo Gomes, que atribuíra a sensualidade da poetisa a uma “tara da família”, ou “ela é mais vítima do marido do que do sangue do avô ou do pai. Ele é um tipo repugnante e pelo que sei, é por exigência sua que a mulher escreve aqueles versos escandalosos” (Paixão 1990:57-59).

Como autora de romances, novelas, contos e artigos, e colaboradora na fundação e edição de revistas literárias e de livros, Amé-

lia Beviláqua se mostrou senhora de um pensamento crítico sobre as questões de estética e de gênero e como literata se propôs a criar uma obra que não fizesse as tradicionais concessões de uma típica literatura da época, escrita pelas mulheres e dedicada às mulheres, não reduzindo seus textos a folhetins romanescos afrancesados, com mulheres submissas e limitadas ao papel de mães e esposas, sendo, ao contrário, recorrentes os temas da paixão, da angústia e da insatisfação com a realidade.

No entanto, o episódio permitiu diversas manifestações de desca-so, chacota e sexismo por parte dos imortais, institucionalizando uma exclusão de gênero que durou mais quarenta e seis anos.

Trata-se do reflexo, no campo literário, das tensões do campo so-cial, no qual uma sociedade, em acentuada transformação econômica e social devido à dinâmica de urbanização e industrialização em con-traste com o século XIX, busca manter a mulher na esfera privada, espaço culturalmente afirmado como ‘feminino’, em oposição ao es-paço público, domínio do ‘masculino’.

Nesse contexto, despertam amplas expectativas que se mostram muitas vezes contraditórias, como o fato de que a mesma mulher deve manter uma aparência agradável para o marido, administrar o lar, ser mãe dedicada e capaz de instruir suas crianças, manter o recato, con-trolar a frequência das relações sexuais e ser submissa (Maluf & Mott 1998:396).

A literatura feminina, identificada no início do século XX como fruto da intuição, do improviso e da espontaneidade estava em con-traste com o engenho, a técnica e o talento, que seriam atributos mas-culinos, de forma que o espaço privado seria o de predomínio do afe-tivo, em contraste com o público, em que predominaria o intelectual, e a literatura feminina foi percebida e desqualificada como produto circunstancial, manifestação de um capricho, esforço inútil ou simples perda de tempo (Telles 1997:403).

As condições sócio-históricas que produziram essa hierarquização, em que as mulheres eram reduzidas à condição de esposas e donas de

casa, reduziram a avaliação de suas obras a referências de condescendência e misoginia.

Ainda hoje há uma situação particular, apontada na resenha de Freixas:

“No es nuevo que las mujeres escriban; ni que publiquen y sean leídas; pero sobre todo no es nuevo el contraste entre su visibilidad, incluso exagerada – por su carácter excepcional – en vida y su desaparición posterior. Puede incluso decirse que hoy, cuando la figura de la escritora parece totalmente ‘normalizada’, ese es – sigue siendo – el principal problema con que se enfrenta la literatura escrita por mujeres: el ‘vendaval de olvido’ (en afortunada expresión de Anna Caballé) que barre sus obras de la historia” (Freixas 2004:61).

Embora as literaturas de língua espanhola e portuguesa possuam particularidades e contextos distintos, em ambas a perspectiva ‘falogocêntrica’ do cânone poderia ser discutida a partir de uma obra que oferecesse uma rica amostra de um *corpus* histórico literário, com variedade estética e estilística, com amplitude temporal.

Aos interessados em compreenderem tal temática a coleção coloca ao alcance, de forma ordenada e analítica, um texto de introdução sobre o contexto e as questões da literatura feminina em cada período abordado e um substantivo rol de autoras com suas biografias, bibliografias e pequenos excertos de suas obras. A estrutura diferencia, por sua proposta de antologia comentada, e aproxima essa obra da *Breve historia feminista de la literatura española en lengua castellana*, organizada por Zavalla (2000).

Cabe destacar que os textos tem uma clara ambição de divulgação cultural, afirmando o mérito de se afastar do academicismo, o que se percebe pela ausência de notas remissivas ou de profundas discussões teóricas, ao mesmo tempo em desempenha um importante papel histórico ao afirmar uma memória que tem se mantido de forma subterrânea. Freixas valoriza a dimensão histórica da obra: “Consecuente con ello es el criterio de incluir a algunas escritoras de gran influencia en su día, aunque de escasa calidad; pero sobre todo, la acertada deci-

sión de publicar, además de textos literarios – en el sentido convencional de la palabra –, otro material, de interés histórico o biográfico, tal como prólogos, cartas y hasta alguna entrevista” (2004:61).

“O problema que se coloca a longo prazo para as memórias clandestinas e inaudíveis é o de sua transmissão intacta até o dia em que elas possam aproveitar uma ocasião para invadir o espaço público e passar do ‘não-dito’ à contestação e à reivindicação; o problema de toda memória oficial é o de sua credibilidade, de sua aceitação e também de sua organização. Para que emergja nos discursos políticos um fundo comum de referências que possam constituir uma memória nacional, um intenso trabalho de organização é indispensável para superar a simples ‘montagem’ ideológica, por definição precária e frágil” (Pollak 1989: 9).

Em relação à literatura de língua espanhola é essa a função ético política que *La vida escrita por las mujeres* desempenha, explicitando os vazios institucionais e os silêncios culturais que resultaram em ausências e omissões para além das qualidades das obras, ao refletirem a distribuição desigual de prestígio e poder, situação que pode e deve ser revista no século XXI.

Portanto, se não fossem por questões de interesse estético e histórico-cultural, esses silêncios e esquecimentos já seriam um bom motivo para a leitura da coleção e mesmo se pensar em uma iniciativa semelhante a de Caballé em relação à literatura de língua portuguesa.

Referências

- BELSEY, Catherine & MOORE, Jane (eds.). 1993. *The feminist reader: essays in gender and the politics of literary criticism*. London: Macmillan.
- BUTLER, Judith. 1990. *Gender trouble: Feminism and the subversion of identity*. New York: Routledge.
- CABALLÉ, Anna. 2014. “Autobiografía y canon literario: historia de un desencuentro”. *Letras de Hoje*, 49(4):406-413.
- CAMPOS, Humberto de. 1945. *Crítica*. Rio de Janeiro/ São Paulo/ Porto Alegre: W. M. Jackson.
- CATELLI, Nora. *El espacio autobiografico*. Barcelona: Lumen, 1991.

- CIXOUS, Hélène. 1975. "Sorties". In CIXOUS, H. & CLÉMENT, C. (eds.): *La Jeune Née*, pp. 63-129. Paris: 10/18.
- COELHO, Nelly N. 1993. *A literatura feminina no Brasil contemporâneo*. São Paulo: Siciliano.
- EAGLETON, Mary. 1993. *Feminist literary theory: a reader*. Cambridge MA & Oxford UK: Blackwell.
- FANINI, Michele A. 2009. *Fardos e fardões: mulheres na Academia Brasileira de Letras (1897-2003)*. Tese de Doutorado. São Paulo: USP.
- FREIXAS, Laura. 2004. "Contra el olvido". *Letras Libres*, junio:61-64.
- GOTLIB, Nádia. 1982. "Com dona Gilka Machado, eros pede a palavra: Poesia erótica feminina brasileira nos inícios do século XX". *Polímica: Revista de Criação e Crítica*. 4:23-47.
- HUYSEN, Andreas. 1988. *After the great divide*. London: Macmillan.
- MALUF, Marina & MOTT, Maria L. 1998. "Recônditos do mundo feminino". In SEVCENKO, Nicolau (ed.): *História da vida privada no Brasil*, v. 3, pp. 368-421. São Paulo: Companhia das Letras.
- MIRANDA, Neus S. 2004. "La vida escrita por las mujeres (4 vols). Obras y autoras de la literatura hispánica e hispanoamericana (sic)". *Lectora*, 10:421-423.
- PAIXÃO, Sylvia P. 1990. "O olhar condescendente: Crítica literária e literatura feminina no século XIX e início do século XX". *Travessia*, 21:50-63.
- POLLAK, Michel. 1989. "Memória, esquecimento, silêncio". *Estudos Históricos*, 2(3):3-15.
- SHOWALTER, Elaine. (ed.). 1993. *The new feminist criticism: essays on women, literature and theory*. London: Virago.
- SHOWALTER, Elaine. 1984. *A Literature of their own: British women novelists from Brontë to Lessing*. New York: Virago Press.
- TELLES, Norma. 1997. "Escritoras, escritas, escrituras". In DEL PRIORE, M. & BASSANEZI, C. (eds.): *História das mulheres no Brasil*, pp. 401-442. São Paulo: Contexto.
- ZAVALA, Iris M. 2000. *Breve historia feminista de la literatura española en lengua castellana*. Barcelona: Anthropos, 6 vol.

Recebido em fevereiro de 2016.
Aprovado em novembro de 2016.